

FANON E A PSICOLOGIA CONCRETA: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Rafael Aiello-Fernandes

Tania Aiello-Vaisberg

PUC-Campinas

Universidade de São Paulo

Resumo: O presente ensaio visa defender a ideia de que a obra de Frantz Fanon, bastante reconhecida nos campos da sociologia, da política e da filosofia, pode trazer aportes significativos para a psicologia psicanalítica concreta e para o estudo dos sofrimentos emocionais socialmente determinados. O texto se organiza em duas partes. Na primeira delas, advogamos que uma fecunda abordagem de suas ideias para o campo da psicologia pode ser obtida quando tomamos a concepção de sociodiagnóstico como eixo organizador de seu pensamento. Na segunda parte, examinamos algumas convergências entre as obras de Fanon e de Bleger, tendo em vista o desenvolvimento de uma clínica contemporânea dos sofrimentos sociais, que nos permita abordar de modo clinicamente fecundo variadas condições de opressão, entre as quais incluímos os padecimentos ligados ao racismo e ao colonialismo.

Palavras-Chave: Frantz Fanon, Psicologia Concreta, Sociodiagnóstico, Clínica Social

Como indica Faustino (2015), a obra de Fanon tem sido lida e apreciada a partir de múltiplas vertentes. No que concerne à literatura de língua inglesa, suas contribuições tem sido muito estudadas por pesquisadores do campo das ciências sociais que se perfilam segundo várias perspectivas teóricas, tais como a dos estudos culturais pós-coloniais, a dos estudos da modernidade/colonialidade/descolonialidade, a do paradigma afrocêntrico, a da tradição *black* radical, a do humanismo radical marxista e a da perspectiva crioula.

No Brasil, contudo, sua obra só tardiamente veio a ser explicitamente usada e discutida, pois, como indica Guimarães (2008), embora seja possível detectar que importantes autores, da estatura de Florestan Fernandes, Otavio Ianni e Paulo Freire, conheciam-na e veicularam ideias nela contidas em suas obras, a verdade é que o nome de Fanon não costumava ser incluído entre as referências. Aventa Guimarães (2008) que pesquisadores e pensadores brasileiros mantiveram-se reticentes em relação a Fanon por

três razões: 1) pelas singularidades da esquerda latino-americana, à época em que os textos fanonianos começaram a circular; 2) pela forma sui-generis por meio da qual a questão do racismo foi considerada, no Brasil, como fenômeno negado oficialmente em nome de uma suposta democracia racial e 3) pelo fato de poucos professores negros seguirem a carreira acadêmica por interesse no estudo do racismo.

Ora, se os sociólogos tardaram em se tornarem capazes de citar as produções fanonianas, de que efetivamente se valiam, a verdade é que os psicólogos e pesquisadores da psicologia mantiveram-se perfeitamente alheios em relação ao pensamento desse autor, o que se torna realmente surpreendente quando lembramos que a atuação política do martinicano estava profundamente vinculada ao exercício da psiquiatria sob uma perspectiva profundamente crítica e adepta de uma visão desinstitucionalizadora. De fato, como aborda Hussein Bulhan (1985/2004), parece indispensável, para entender o pensamento fanoniano, abordar os trabalhos tanto teóricos como práticos que realizou em hospitais psiquiátricos argelinos e tunisianos, a partir dos quais definiu uma psiquiatria revolucionária e uma psicologia da libertação. Assim, compreendemos que afora o trabalho pioneiro de Neusa Santos Souza (1983/1990), no qual tece considerações sobre a produção ideológica de um ideal de ego branco para os negros brasileiros, nas quais dialogou com *Pele Negra Mascaras Brancas*, não encontramos outras aproximações significativas às contribuições fanonianas, afora alguns estudos críticos de branquitude da área da psicologia social. De fato, uma busca na base de dados Scielo devolve apenas um único trabalho que visa articular a contribuição fanoniana com a psicologia, de autoria de Kawahala & Vivar y Soler (2014).

De todo modo, consideramos Fanon como um nome fundamental para pensarmos sofrimentos sociais decorrentes da colonização e do racismo em nosso país, bem como para desenvolver uma psicologia psicanalítica concreta e uma clínica social que possa trabalhar e combater nossa peculiar e persistente estrutura racista. Obviamente, sua obra deve ser concretamente contextualizada e lida de acordo e em diálogo com a realidade social e política brasileira, com seu racismo característico, baseado no ideário da democracia racial. Deve também a nosso ver, ser colocada em interlocução com trabalhos realizados na psicanálise no país que abordaram a questão das relações raciais, tais como as publicações reunidas no livro organizado por Kon, Silva e Abud (2017), após evento realizado em São Paulo, assim como os trabalhos de Veríssimo (2015), Mussatti-Braga

(2015), Reis Filho (2005), Guimarães (2001), Nogueira (1998), Souza (1983) e Bicudo (1945/2010), bem como as que tem sido produzidas por nosso próprio Grupo de Pesquisa, lembrando aqui, entre outros, os trabalhos de Aiello-Fernandes (2018, 2013) e de Fialho et al (2012).

Cabe, assim destacar que uma de suas mais importantes contribuições ao campo da psicologia consistiu no apontar a necessidade de se realizar um sociodiagnóstico do problema do racismo, argumentando que esse não pode ser entendido fora de suas conexões com as realidades econômicas e políticas e de sua relação com a temporalidade. Partindo da psicanálise, afirma que, à originalidade da psicanálise, em relação ao saber de seu tempo, ou seja, à tomada de consideração da dimensão ontogenética na explicação das psicopatologias, deve se acrescentar, quando nos interessamos pelo estudo do racismo, levar em consideração também sua sociogênese. Com isso, Fanon (1952/1980) abre a possibilidade de se estudar os impactos das expressões existenciais da colonialidade na experiência vivida, articulando-as com a realidade social (Maldonado-Torres,2007;2008). A partir daí, analisa diversos aspectos da experiência emocional em um contexto no qual o racismo anti-negro gera efeitos devastadores de despersonalização, subalternização e invisibilização do corpo e da subjetividade negras, causando um complexo de inferioridade ligado ao lugar em que o negro foi colocado na modernidade pela violência do escravismo, da expansão imperial das nações colonizadoras e das ideologias justificadoras da dominação dos povos considerados como “de cor”.

De fato, acatando a argumentação de Faustino (2015), consideramos a categoria de sóciodiagnóstico como um eixo estruturante que permite uma leitura profícua da obra fanoniana. Já desde o texto sobre a síndrome norte-africana (Fanon,1952/1980) podemos ver essa noção em germe, com a categoria de um “diagnóstico da situação” dos árabes alvo de racismo em território francês. Se colocando contra as abordagens positivistas, fisiológicas e abstratas da psiquiatria hegemônica à época, aqui se considera as relações com o meio, as ocupações e preocupações, a sexualidade, a tensão interior, a sensação de segurança ou insegurança, os perigos que ameaçam o paciente e a sua evolução e história de vida. Tudo isso leva à constatação de que este vive uma morte cotidiana, sujeito que está a processos de racismo e desumanização/despersonalização, que só podem ser superados por uma práxis de humanização que, para além do trabalho clínico

com aqueles que sofrem de padecimento, inclua todo o social. Com o prosseguimento e transmutação da concepção de diagnóstico da situação para a de sociodiagnóstico, vemos cada vez mais a importância de se incluir dimensões macrossociais, econômicas e culturais na análise dos efeitos emocionais do racismo.

Tal compreensão permite que, focando mais especificamente a condição do negro no mundo moderno, Fanon(1952/1980) possa analisar como as relações de poder se expressam nas dimensões mais sutis e pessoais da existência daquele que é alvo de racismo, desde a linguagem e as relações amorosas até os sonhos e a relação com os outros. Assim, analisando desde obras literárias até casos clínicos, fazendo incursões pela poesia da negritude e aplicando procedimentos psicológicos, construindo, enfim, um discurso descolonizador em que mantém diálogo crítico com o saber de seu tempo, busca desvendar a situação existencial do negro em uma sociedade racista.

No capítulo A Experiência Viva do Negro (Fanon, 1952/2008), o autor mostra como a experiência vivida do racismo ataca o negro em sua própria estrutura ontológica, perturbando sua relação com o próprio corpo e com a própria racionalidade. Fica explícito, aí, como os sofrimentos sociais e o processo de psicopatologização, que afeta aquele que é sujeito ao racismo, ligam-se a contextos mais amplos, pois o autor mostra como as “lendas, histórias, a história e, sobretudo a historicidade”, bem como estereótipos e mitos imputados como essência do povo negro pelos discursos coloniais – no contexto em que escreve, a antropofagia, o atraso mental, o fetichismo, as taras raciais, a mentalidade primitiva, etc. – atacam-lhe as estruturas mais íntimas do existir.

Há, assim, uma compreensão segundo a qual a interdependência entre o macrossocial, o econômico, o cultural e a vida emocional perpassa sua obra e sua atuação do começo ao fim. Aqui, cabe salientar, com Bulhan (1985/2004), que Fanon nunca abandonou a psiquiatria e a preocupação com o sofrimento humano em prol da atuação política, mas coordenou as duas atividades até o fim de sua curta vida. Coerentemente com essa posição, articulou o trabalho no hospital psiquiátrico conforme os pressupostos da psicoterapia institucional, sem descurar da reinserção social dos pacientes em seus contextos concretos, com ativismo na Frente de Libertação Nacional e torturadores franceses, em que via suas formas de padecer como inerentemente emergentes do meio social estruturalmente violento em que se encontravam.

Se, como salienta Faustino (2015), o colonialismo se organiza a partir da guerra de conquista, com todo o peso concreto dos canhões e sabres, do despojamento cultural dos povos submetidos e, finalmente, da racialização e epidermização dos lugares e posições sociais a partir da divisão racial do trabalho; se a superação de tal quadro não pode se dar de modo puramente discursivo, mas apenas através de uma atividade prático-sensível de luta política e práxis revolucionária anticolonial, a psicoterapia também não pode ser descolada das condições concretas que engendram os sofrimentos sociais. Assim, podemos concluir que a proposta fanoniana, forjada em ambiente social de guerra contra a colonialidade, não desvaloriza o sofrimento emocional socialmente determinado, mas o combate sem abandonar uma práxis política empenhada em luta por mudanças sociais.

2 . Fanon e a Psicologia Concreta

Consideramos fecundo articular a proposição do sociodiagnóstico de Fanon (1952/1980) com o referencial da psicanálise concreta, inspirada na obra de José Bleger (1958/2001; 1963/2007). Acreditamos que este último, a partir de sua leitura de Georges Politzer (1928/2004), faz justiça à necessidade de retorno à concretude da experiência na psicanálise, compreendendo toda manifestação humana como conduta, ou seja, em sua totalidade significativa, que tem sempre um caráter vincular. A crítica de Politzer (1928/2004) aos fundamentos da psicanálise, retomada por Bleger (1958/2003; 1963/2007), centrou-se justamente em denunciar os procedimentos intelectuais – realismo, abstracionismo, formalismo – que transformam os acontecimentos dramáticos da vida dos sujeitos em coisas, em processos despersonalizados, convertidos em entidades metafísicas e objetificadas sob forma de um aparelho psíquico concebido em termos energéticos e pulsionais. Contra tal concepção, Politzer (1928/2004) preconizou um retorno ao concreto das descobertas freudianas, chamando a atenção para a importância de se estudar o “fato psicológico em primeira pessoa”, ou seja, o drama.

Ao retomar essas considerações e compreender as manifestações humanas como condutas dramáticas concretas, consideramos que Bleger (1958/2003; 1963/2007) proporciona um modo de estudar a experiência vivida do racismo em um registro que faz justiça à sua materialidade e à vinculação com condições sociopolíticas. De acordo com Bleger (1963/2007), a conduta corresponde a manifestações humanas que se expressam, sempre e simultaneamente, em três áreas: mental, corporal e de atuação no mundo

externo. A qualificação de uma conduta como pertencente a alguma destas três áreas é dada, então, pela predominância de alguma delas em dado momento. No que se refere à amplitude do fenômeno a ser estudado, a conduta pode ser compreendida em três âmbitos: do indivíduo, do grupo e de instituições, como práticas ou normas. Finalmente, a conduta humana deve ser considerada como emergente de campos. Segundo a ótica blegeriana, cabe distinguir três subestruturas nos campos da conduta: o ambiente ou subcampo geográfico, que corresponde, praticamente, ao que pode ser percebido por um observador relativamente externo ao acontecer em pauta; o subcampo psicológico, que abrange as experiências vividas; e, finalmente, o campo da consciência, que consiste nas experiências conscientemente percebidas num certo momento. Além disso, a conduta deve ser sempre vista como vinculada a contextos macrossociais econômicos, geopolíticos, históricos e culturais.

Articulamos essas reflexões com as formulações de Fábio Herrmann (1979) de que a psicanálise consiste, essencialmente, em um método de investigação sobre processos concretos e encarnados de produção de sentidos emocionais, e defendemos que a dimensão metodológica da psicanálise tem primazia sobre a doutrinária. Ou seja, utilizamos a psicanálise essencialmente enquanto método investigativo, e não como corpo teórico rígido e já estabelecido definitivamente, buscando explorar seu potencial heurístico para a produção de estudos interpretativos e compreensivos sobre o substrato afetivo-emocional subjacente às manifestações humanas, sem aderirmos às formulações metapsicológicas. Em suma, com Politzer (1928/2004) e Bleger (1963/2007), compreendemos que o pressuposto fundamental, sobre o qual o método psicanalítico se assenta, é o de que toda conduta humana é atravessada por múltiplos sentidos, que emergem a partir das experiências concretas de vida das pessoas e coletivos humanos. Não entendemos, portanto, que a dimensão inconsciente, como pode ser inferido de nossa rejeição às especulações metapsicológicas, seja um campo energético com base biológica ou uma realidade intrapsíquica, mas um conjunto de determinações que se constela intersubjetivamente em campos sociais e históricos precisos e concretos.

O prosseguimento do itinerário que percorremos até aqui demanda a consideração das especificidades do racismo brasileiro, vistas a partir do prisma da compreensão dos diversos níveis da colonialidade – em suas dimensões de poder, saber e ser – que, por sua vez, guiam nossa leitura do projeto de Fanon (1952/1980) de realizar um

sóciodiagnóstico que permita estudar os impactos do racismo na subjetividade e na experiência vivida. Articulamos essas referências com os enfoques metodológicos de nosso grupo de pesquisa, baseados primordialmente em Politzer (1928/2004) e Bleger (1963/2007) e assentados nos pressupostos de uma psicologia psicanalítica concreta, a partir da qual o pensamento winnicottiano pode ser pensado como base para uma clínica do holding que pode combater efeitos de despersonalização/ desumanização (Aiello-Vaisberg, 2017). Essa clínica certamente gerará benefícios se soubermos cuidar do sofrimento emocional sem separar sua ocorrência do contexto político, social, histórico e econômico em que ocorre.

Neste processo, devemos atentar às dimensões da colonialidade do saber e do ser. Se, como sustentam Maldonado-Torres (2007, 2008), Mignolo (2002, 2010) e Quijano (2000), o conhecimento serviu historicamente como um instrumento para subalternizar e desqualificar os modos epistêmicos de apreensão da realidade dos colonizados, tendo isso grande influência sobre suas experiências vividas, é necessário ter clara a dimensão ética envolvida na produção do saber. Neste ponto, devemos considerar o aspecto geopolítico do conhecimento e o fato de ser necessário incluir a diferença colonial como um lócus enunciativo capaz, por direito próprio, de produzir saber. Desse modo, abriremos caminho para um futuro descolonial, em que a heterogeneidade histórico-estrutural que compõe a humanidade poderá reivindicar sua pluriversalidade.

AIELLO-FERNANDES, R. (2018) Racismo e Psicanálise em Produções Acadêmicas. Tese de Doutorado. Campinas, Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

AIELLO-FERNANDES, R. (2013) “Da entrada de serviço ao elevador social”: Racismo e Sofrimento. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

AIELLO-VAISBERG, T. M.J. (2017) Estilo Clínico Ser e Fazer: Resposta CríticoPropositiva à Despersonalização e ao Sofrimento Social. *Boletim da Academia Paulista de Psicologia*, 37 (92), 41-62.

BICUDO, V. L. (2010). Atitudes Raciais de Pretos e Mulatos em São Paulo. Marcos Chor Maio (org.). São Paulo: Editora Sociologia e Política. (Original publicado em 1945).

16ª JORNADA APOIAR: ADOLESCÊNCIA E SOFRIMENTO EMOCIONAL NA ATUALIDADE

- BLEGER, J. (2007) *Psicología de la Conduta*. Buenos Aires: Paidós (Original publicado em 1963)
- BLEGER, J. (2003) *Psicoanálisis y Dialectica Materialista*. Buenos Aires, Paidós (Original publicado em 1958)
- BULHAN, H. A. (2004) *Frantz Fanon and the Psychology of Opression*. Kluwer Academic/Plenum Publishers Original publicado em 1985
- FANON, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. de Maria Adriana da Silva Caldas. Salvador:Edufba. (Original publicado em 1952)
- FANON, F. (1980) O Síndrome Norte-Africano. In *Em Defesa da Revolução Africana*. Lisboa: Sá da Costa Editora. (original publicado em 1952)
- FAUSTINO, D. M. (2015) “Por que Fanon. Por que agora?": Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil. Tese de Doutorado. São Carlos: UFSCar.
- FIALHO, A. A.; AIELLO-FERNANDES, R.; MONTEZI, A. V.; AIELLO-VAISBERG T.M.J. (2012). O imaginário coletivo de estudantes sobre a África: um estudo preliminar. In Proceedings of the 1st. Colóquio Internacional Culturas Jovens Afro-Brasil América: Encontros e Desencontros. São Paulo: Anais do Primeiro Colóquio Internacional Culturas Jovens Afro-Brasil América: Encontros e Desencontros.
- GUIMARÃES, A. S. A. (2008) A recepção de Fanon no Brasil e a identidade negra. *Novos Estudos – CEBRAP*, São Paulo, n. 81 (2)
- GUIMARAES, M.A.C. (2001) Rede de Sustentação: Modelo Winnicottiano de Intervenção em Saúde Coletiva. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Pontícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
- HERRMANN, F. (1979) *Método da Psicanálise*. São Paulo: EPU.

- KAWAHALA, E. & VIVAR Y SOLER, R.D. (2014) Sartre leitor de Fanon: implicações éticas e políticas das lutas pós-coloniais. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 9(1), 142-145.
- KON, N.M., SILVA, M.L. & ABUD, C.C. (orgs) (2017) *O Racismo e o Negro no Brasil*. São Paulo: Perspectiva.
- MALDONADO-TORRES, N. (2007). On the coloniality of being: Contributions to the development of a concept. *Cultural Studies*, vol.21, n.2, pp. 240-270.
- MALDONADO-TORRES, N. (2008). A topologia do ser e a geo política do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80, pp. 71-114.
- MIGNOLO, W. (2002). The geopolitics of knowledge and the colonial difference. Duke University Press. *The South Atlantic Quarterly*, vol. 101:1.
- MIGNOLO, W. (2010). *Desobediência epistêmica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad, gramática de la descolonialidad*. Buenos Aires: Ediciones Del Signo.
- MUSSATI-BRAGA, A. P. (2015). *Os Muitos Nomes de Silvana: contribuições clínico-políticas da psicanálise sobre mulheres negras*. Tese de Doutorado. São Paulo. Universidade de São Paulo.
- NOGUEIRA, I.B. (1998). *Significações do corpo negro*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- POLITZER, G. (2004). *Crítica dos fundamentos da Psicologia: a psicologia e a psicanálise*. Piracicaba: Editorial Unimep. (Original publicado em 1928)
- QUIJANO, A. (2000). Colonialidad del poder y clasificación social. *Journal of World-Systems Research*, vol. XI, nº. 2, pp. 342-86.

16ª JORNADA APOIAR: ADOLESCÊNCIA E SOFRIMENTO EMOCIONAL NA ATUALIDADE

REIS FILHO, J.T. (2005) *Negritude e Sofrimento Psíquico*. Tese de Doutorado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

SOUZA, N.S. (1983/1990) *Tornar-se Negro*. Rio de Janeiro: Graal.

VERISSIMO, TCV (2015) Racismo nosso de cada dia e a incidência da recusa no laço social. *Percurso*, 54,43-52